

A PREENCHER PELO ALUNO

Nome completo _____

Documento de identificação n.º _____

Assinatura do aluno _____

A PREENCHER PELA ESCOLA

N.º convencional

N.º convencional

A PREENCHER
PELO AGRUPAMENTO

N.º confidencial da escola

Prova Final de Português**Prova 91 | 1.ª Fase | 3.º Ciclo do Ensino Básico | 2022****9.º Ano de Escolaridade**

Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho | Decreto-Lei n.º 27-B/2022, de 23 de março

A PREENCHER PELO PROFESSOR CLASSIFICADOR

Classificação em percentagem _____ (_____ por cento)

Correspondente ao nível _____ (_____) Data: ____ / ____ / ____ Código do professor classificador _____

Observações _____

A PREENCHER PELA ESCOLA

Classificação alterada em sede de reapreciação conforme despacho em anexo Classificação alterada em sede de reclamação conforme despacho em anexo

Duração da Prova: 90 minutos. | Tolerância: 30 minutos.

15 Páginas

Todas as respostas são dadas no enunciado da prova.

Utiliza apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitido o uso de corretor. Risca aquilo que pretendes que não seja classificado.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Apresenta apenas uma resposta para cada item.

Se o espaço reservado a uma resposta não for suficiente, podes utilizar o espaço que se encontra no final da prova. Neste caso, deves identificar claramente o item a que se refere a tua resposta.

As cotações dos itens encontram-se no final da prova.

Página em branco

Para responderes aos itens 1. a 2.3., ouve a gravação e segue as instruções.

TEXTO A



Áudio

Fonte: www.sicnoticias.pt (consultado em 05/11/2021)

1. Assinala com **X** as **três** informações sobre o passadiço dadas no início do texto.

- A Material de construção
- B Lotação
- C Extensão
- D Localização dentro do parque
- E Cor

2. Assinala com **X**, nos itens 2.1. a 2.3., a opção que completa cada afirmação, de acordo com o texto.

2.1. Para referir o pequeno auditório como um espaço educativo importante, a jornalista usa a expressão

- A «no coração da estrutura».
- B «vai ser um palco privilegiado».
- C «não é preciso ser adivinho».

2.2. Além da voz da jornalista, ouve-se a voz de alguém que se refere

- A à estrutura escolhida para o passadiço.
- B ao objetivo educativo do passadiço.
- C às espécies observáveis no passadiço.

2.3. Neste texto, privilegia-se um discurso com características

- A descritivas.
- B argumentativas.
- C narrativas.

Lê o Texto B.

TEXTO B

A herança árabe na Península, bem como a literatura de maravilhas, nada, ou pouco, ofereciam de estimulante para se atravessar o oceano medonho e se chegar ao cabo da Boa Esperança.

5 Contra esse medo reagiram os marinheiros portugueses; e o conjunto de lendas e superstições que a imaginação criara a partir do mundo desconhecido, aos poucos, seria desmistificado no contacto com a realidade.

O marinheiro quatrocentista não podia deixar de sentir o mistério que envolvia tais lendas. Se aprendeu a recusá-las, foi à custa de uma experimentação contínua. Por isso, ultrapassou o Bojador, zona limite do medo e da antiga fama da impossibilidade de 10 navegar, para transpor esse mesmo medo para o cabo da Boa Esperança.

De entre as variadas gentes que faziam a carreira da Índia, os roteiristas eram os que melhor sentido prático tinham das ocorrências possíveis no cabo da Boa Esperança. Socorriam-se de indicações que lhes poderiam dar a proximidade e o bom ou mau tempo daquele Cabo: pela presença de certas aves e peixes, pela coloração das águas, pelas 15 plantas marinhas, pelos destroços flutuantes, pelos insetos, pela tonalidade do céu na previsão de tempestades. A isto, chamavam sinais, que eram registados em vários momentos nos seus diários de navegação.

De sentido apurado sobre a natureza, sabendo os perigos que desta podiam advir devido às suas mutações, os roteiristas, ainda longe do cabo da Boa Esperança, 20 tomavam providências para o passar da melhor forma. As representações imaginativas do medo eram, neste caso, positivas, porque conduziam a atenção para o perigo, levando à prevenção perante futuras situações ameaçadoras.

A experiente observação não impedia, contudo, alguns roteiristas de verem, como sinal do Cabo, o mar a ferver, ou de as águas noturnas lhes parecerem «fogueiras de fogo 25 ardendo». Lembramos que estes marinheiros, embora modernos na sua experimentação, em alguns casos, eram ainda medievais no pensamento.

José Manuel Correia, «Medos e visões dos mareantes na passagem do cabo da Boa Esperança», in *Oceanos*, n.º 3, março de 1990, pp. 78-80. (Texto adaptado)

3. Numera as frases de 1 a 5, de acordo com a ordem pela qual as informações são apresentadas no texto.

A primeira frase já se encontra numerada.

- O medo punha os navegadores em alerta para os perigos da passagem do Cabo.
- 1 As histórias fantásticas da Idade Média alimentavam o medo do oceano.
- Alguns aspetos da natureza continuavam a ser interpretados à luz das lendas medievais.
- A observação da natureza e o registo de dados permitiram navegar com mais segurança.
- A experiência adquirida pelos navegadores permitiu-lhes ir ultrapassando o medo.

4. Relê o quarto parágrafo.

Assinala com **X** as **três** opções cujo sujeito se refere a «os roteiristas» (linha 11).

- A «tinham» (linha 12)
- B «Socorriam-se» (linha 13)
- C «poderiam» (linha 13)
- D «chamavam» (linha 16)
- E «eram registados» (linha 16)

5. Assinala com **X**, nos itens 5.1. e 5.2., a opção que completa cada afirmação, de acordo com o texto.

5.1. A palavra «sinais» (linha 16) é usada como

- A um sinónimo de várias palavras presentes nas linhas 14 a 16.
- B um termo que se refere a parte dos elementos enumerados nas linhas 14 a 16.
- C um termo genérico que sintetiza os elementos enumerados nas linhas 14 a 16.
- D um antónimo de várias palavras presentes nas linhas 14 a 16.

5.2. O assunto com maior destaque no texto é

- A a presença do medo nas histórias medievais.
- B a diversidade das tripulações da carreira da Índia.
- C o conhecimento de diferentes espécies marinhas.
- D o contributo dos roteiristas para as navegações.

TEXTO C

Comiam todos o caldo, recolhidos e calados, quando o menino disse:

— Sei um ninho!

A Mãe levantou para ele os olhos negros, a interrogar. O Pai, esse, perdido no alheamento costumado, nem ouviu. Mas o pequeno, ou para responder à Mãe, ou para
5 acordar o Pai, repetiu:

— Sei um ninho!

O velho ergueu finalmente as pálpebras pesadas, e ficou atento, também.

A criança, então, um tudo-nada excitada, contou. Contou que à tarde, na altura em que regressava a casa com a ovelha, vira sair um pintassilgo de dentro dum grande
10 cedro. E tanto olhara, tanto afiara os olhos para a espessura da rama, que descobrira o manhuço¹ negro, lá no alto, numa galha.

A Mãe bebia as palavras do filho, a beijá-lo todo com a luz da alma. O Pai regressou ao caldo.

Mas o menino continuou. Disse que então prendera a cordeira a uma giesta e trepara
15 pela árvore acima.

De novo o Pai levantou as pálpebras cansadas, e ficou tal e qual a Mãe, inquieto, com a respiração suspensa, a ouvir.

E o pequeno ia subindo. O cedro era enorme, muito grosso e muito alto. E o corpito, colado a ele, trepava devagar, metade de cada vez. Firmava primeiro os braços; e só
20 então as pernas avançavam até onde podiam. Aí paravam, fincadas na casca rija.

A subida levou tempo. Foi até preciso descansar três vezes pelo caminho, nos tocos² duros dos ramos. Por fim, o resto teve de ser a pulso, porque eram já só vergõntes³ as pernadas da ponta.

Transidos⁴, nem o Pai nem a Mãe diziam nada. Deixavam, apavorados, mudos, que
25 o pequeno chegasse ao cimo, à crista, e pusesse os olhos inocentes no ovo pintado. O ninho tinha só um ovo.

Aqui, o menino fez parar o coração dos pais. Inteiramente esquecido da altura a que estava, procedera como se viver ali, perto do céu, fosse viver na terra, sem precisão⁵ dos braços cautelosos agarrados a nada. E ambos viram num relance⁶ o pequeno rolar, cair
30 do alto, da ponta do cedro, no chão duro e mortal de Nazaré.

Mas a criança, apesar de mostrar, sem querer, que de todo se alheara do abismo sobre que pairava, não caiu. Acontecera outra coisa. Depois de pegar no ovo, de contente, dera-lhe um beijo. E, ao simples calor da sua boca, a casca estalara ao meio e nascera lá de dentro um pintassilgo depenadinho.

35 E o menino contava esta maravilha com a sua inocência costumada, como quando repetia a história de José do Egito⁷, que ouvira ler a um vizinho.

Por fim, pôs amorosamente o passarinho entre a penugem da cama, e desceu. E agora, um nada comprometido, mas cheio da sua felicidade, sabia um ninho.

A ceia acabou num silêncio carregado. Só depois, à volta do lume quente do ceppo de oliveira em brasido⁸, é que os pais disseram um ao outro algumas palavras enigmáticas, que o pequeno não entendeu. Mas para quê entender palavras assim? Queria era guardar dentro de si a imagem daquele passarinho depenado e pequenino. Isso, e ao mesmo tempo olhar cheio de deslumbramento os dedos da Mãe, que, alvos⁹ de neve, fiavam linho.

Miguel Torga, «Jesus», in *Contos*, 5.ª ed., Alfragide, Publicações Dom Quixote, 2009, pp. 57-58. (Texto com supressões)

NOTAS

- ¹ *manhuço* – ninho.
- ² *tocos* – as partes dos ramos mais próximas do tronco da árvore.
- ³ *vergôntees* – ramos tenros, que podem partir-se.
- ⁴ *Transidos* – dominados pelo medo.
- ⁵ *sem precisão* – sem necessidade.
- ⁶ *num relance* – imediatamente.
- ⁷ *José do Egito* – figura bíblica.
- ⁸ *em brasido* – em brasa.
- ⁹ *alvos* – brancos.

6. Ao dizer «Sei um ninho!» (linha 2), o menino interrompe o silêncio da refeição.

Refere, por palavras tuas, como reagem a Mãe e o Pai imediatamente após essa afirmação do menino.

7. Assinala com **X**, nos itens 7.1. a 7.3., a opção que completa cada afirmação, de acordo com o texto.

7.1. O menino repete: «Sei um ninho!» (linha 6).

Quando apresenta as possíveis razões que levaram o menino a repetir esta frase, o narrador recorre, nas **linhas 4 e 5**, a orações coordenadas

- A explicativas.
- B copulativas.
- C adversativas.
- D disjuntivas.

7.2. Na passagem seguinte, o narrador usa uma **oração subordinada substantiva completiva** para introduzir o discurso indireto do menino: «Contou que à tarde [...] vira sair um pintassilgo de dentro dum grande cedro» (linhas 8-10).

O mesmo acontece na passagem

- A «E tanto olhara, tanto afiara os olhos para a espessura da rama, que descobrira o manhuço negro» (linhas 10-11).
- B «Disse que então prendera a cordeira a uma giesta e trepara pela árvore acima» (linhas 14-15).
- C «Por fim, o resto teve de ser a pulso, porque eram já só vergôntees as pernas da ponta» (linhas 22-23).
- D «como quando repetia a história de José do Egito, que ouvira ler a um vizinho» (linhas 35-36).

7.3. À medida que o menino vai avançando no seu relato, tal como se observa nas linhas 16 e 17, torna-se mais evidente

- A a irritação dos pais.
- B a desconfiança dos pais.
- C a ansiedade dos pais.
- D a desatenção dos pais.

8. Lê a passagem seguinte, que descreve o protagonista quando inicia o seu relato.

«A criança, então, um tudo-nada excitada, contou.» (linha 8)

Assinala com **X** a função sintática do constituinte sublinhado nesta passagem.

- A Predicativo do sujeito
- B Modificador (do grupo verbal)
- C Modificador do nome
- D Predicativo do complemento direto

9. Quando narra a difícil ascensão do menino ao cimo do cedro, o narrador refere que ele subia com o «corpito» colado à árvore e que «trepava devagar, metade de cada vez», firmando primeiro os braços e avançando depois as pernas (linhas 18-20).

Apresenta, por palavras tuas, **as outras três** estratégias que o menino usou em função das características da árvore (linhas 20-23).

Na tua resposta, deves especificar as características da árvore que lhe permitiram desenvolver cada uma das estratégias.

10. Assinala com **X**, nos itens **10.1.** e **10.2.**, a opção que completa cada afirmação, de acordo com o texto.

10.1. Na linha 27, para caracterizar a reação dos pais ao relato do menino, o narrador usa

- A uma comparação.
B uma hipérbole.
C uma personificação.
D uma antítese.

10.2. De acordo com a frase das linhas 29 e 30, pode concluir-se que os pais

- A imaginam o que poderia ter acontecido.
B presenciam o que está a acontecer.
C visualizam o que já aconteceu.
D preveem o que ainda vai acontecer.

11. «Mas a criança, apesar de mostrar, sem querer, que de todo se alheara do abismo sobre que pairava, não caiu.» (linhas 31-32).

Completa a afirmação seguinte sobre os tempos simples das formas verbais sublinhadas nesta frase do texto.

Escreve, em cada círculo, a letra correspondente à opção selecionada.

Para relatar esta parte da experiência vivida pelo menino, o narrador recorre, primeiro, ao , depois, ao e, finalmente, ao .

- A pretérito perfeito do indicativo B pretérito imperfeito do conjuntivo
- C pretérito mais-que-perfeito do indicativo D pretérito imperfeito do indicativo
- E futuro do indicativo

12. «E o menino contava esta maravilha com a sua inocência costumada» (linha 35).

A palavra «maravilha» pode significar *milagre*.

Na perspetiva do menino, aconteceu um milagre no cimo da árvore. Explica em que consistiu esse milagre. Usa palavras tuas.

13. Assinala com **X** a opção que completa a afirmação seguinte.

No final do texto (linhas 39-44), surge uma pergunta que acentua

- A a preocupação do menino em perceber as palavras trocadas entre os pais.
- B o interesse do menino em recordar o desfecho da aventura contada aos pais.
- C o espanto dos pais perante o facto de o menino não se ter magoado.
- D a necessidade dos pais de aconselhar o menino a não correr riscos.

Lê o Texto D (estância 42 do Canto V de *Os Lusíadas*) e as notas.

TEXTO D

Pois vens ver os segredos escondidos
Da natureza e do húmido elemento¹,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre ou de imortal merecimento,
5 Ouve os danos de mi que apercebidos
Estão a teu sobejo atrevimento²,
Por todo o largo mar e pola terra
Que inda hás de sojugar³ com dura guerra.

Luís de Camões, *Os Lusíadas*, edição de A. J. da Costa Pimpão, 5.ª ed., Lisboa, IC-MNE, 2003, p. 133.

NOTAS

¹ *húmido elemento* – mar.

² *sobejo atrevimento* – enorme audácia.

³ *sojugar* – conquistar.

14. Nesta estância, o gigante Adamastor dirige-se aos navegadores portugueses.

Refere o que conseguiram fazer os navegadores em relação à «natureza» e ao «húmido elemento», de acordo com o gigante Adamastor, e **explica** por que razão se pode afirmar que o menino, personagem do Texto C, pretende algo de semelhante ao subir ao cedro.

COTAÇÕES

Item												
Cotação (em pontos)												
TEXTO A	1.	2.1.	2.2.	2.3.								
	4	4	4	4								16
TEXTO B	3.	4.	5.1.	5.2.								
	4	4	4	4								16
TEXTO C	6.	7.1.	7.2.	7.3.	8.	9.	10.1.	10.2.	11.	12.	13.	
	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	44
TEXTO D	14.											
	4											4
	15.											
	20											20
TOTAL											100	

Prova 91

1.^a Fase